

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
4º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
7º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a aula 1 – 03.03.2016

Introdução do Curso

Caros colegas e alunos,

Recebam as boas vindas para os nossos cursos de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana e de Supervisão com Técnicas Expressivas. Vocês podem mandar e-mails depois das aulas ou fazer suas observações ao vivo na aula seguinte.

Registro aqui que fiquei muito feliz com o nível profissional e humano daqueles que se candidataram aos cursos, cujo conjunto foi muito superior aos anos anteriores.

Minha intenção é ensinar, nestes cursos, **a dimensão simbólica normal e patológica da psique individual e coletiva**. Trata-se de um humanismo que nos percebe como seres que surgiram na evolução com cem bilhões de neurônios e dez trilhões de sinapses.

Esse desenvolvimento milagroso do nosso sistema nervoso começou com o surgimento da vida há quatro e meio bilhões de anos atrás, com as algas unicelulares que passaram a multicelulares e chegaram a nós, tantos anos depois.

Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) foi um padre jesuíta que se especializou em paleontologia para descrever a evolução. Infelizmente ele não pode publicar nem uma linha do que escreveu em vida, pois tudo se referiu à evolução, que era considerada heresia pelo Santo Ofício e ameaçada de excomunhão. Após sua morte, sua irmã publicou sua obra e hoje sua criatividade é um banquete cultural para quem dela se alimenta.

Na sua descrição da evolução, Chardin conceituou o **processo de humanização** do cosmos. Ele não separa a matéria inanimada da animada, mas, ao contrário,

estabelece uma continuidade da criação do universo até a formação da complexidade do nosso sistema nervoso e da nossa consciência.

Defino a Psique como o Self (Jung), o Atman (Hinduísmo), o Tao (Taoismo), o Zen (Zen Budismo) ou até mesmo Deus, nas religiões. É da diferenciação desse Ser infinito e eterno, que surge o ser humano, a consciência e o Ego, que a gerencia.

Durante as trinta aulas dos nossos cursos, veremos que nossa consciência tem um gerente, **descrito por Freud como o Ego**, que é formado por nossas relações primárias e que pode estar na Consciência ou na Sombra. É o Ego que exerce a inteligência, que lhe é proporcionada pelo nosso Self, descrito por Jung como a totalidade da Psique.

A matéria viva nasce e se desenvolve coordenada pela proteína DNA no núcleo das células. **O DNA das células corresponde ao Arquétipo Central do Self que coordena todo o desenvolvimento psicológico.** Na Psicologia Simbólica Junguiana, esse processo é representado por três gráficos, que estão nos meus livros e estarão conosco em todas as aulas.

Dentro do Self, distinguimos, na humanização, **a polaridade mente-corpo**, que é da maior importância. **A mente e o corpo interagem durante toda a vida dentro do Self.** As funções corporais registram as sensações (físicas e emocionais), que são coordenadas pelo Arquétipo Central e formam a mente, a Consciência e o Ego. Essas representações atuam sobre o corpo dentro de uma relação dialética (*biofeedback*) de múltiplo retorno durante toda a vida. A formação e transformação permanente dessas representações, que chamamos **símbolos e funções estruturantes**, são o centro da atividade psíquica consciente e inconsciente, que chamaremos de **elaboração simbólica**. Por isso, é muito importante **não confundirmos a mente, o corpo, o Ego, a Consciência, o inconsciente e os arquétipos com o Self, pois todos atuam dentro dele durante a diferenciação da Psique.**

Para acompanhar o curso, vocês precisam ler e entender dois livros: *Psicologia Simbólica Junguiana. A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação* e *A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito. As sete etapas arquetípicas da vida pela Psicologia Simbólica Junguiana.* Quem ainda não tem os livros, peço que os adquira logo, para ir estudando o seu conteúdo. Podem pagar depois, se quiserem. O importante é irem estudando os conceitos para acompanhar as aulas.

No final do meu curso de Medicina, fui fazer análise devido a problemas pessoais. **Apaixonei-me por Freud** e estudei a sua obra durante quatro anos. No final dessa análise fui estudar Jung com a Dra. Nise da Silveira, que acabara de voltar de Zurique. Depois de ler o volume nove das Obras Completas de Jung, intitulado **Os Arquétipos do Inconsciente Coletivo**, decidi ir para Zurique e fazer a formação em Psicologia Analítica, pois **Jung se tornara minha segunda paixão**.

Quando voltei ao Brasil e fundei com outros colegas de São Paulo e do Rio de Janeiro a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, filiada à Sociedade Internacional de Psicologia Analítica, para formar analistas junguianos, já estava convencido que a **Psicanálise e a Psicologia Analítica eram complementares**.

Não há dúvida que a discordância sobre a natureza da **libido, sexual para Freud e energia psíquica para Jung**, contribuiu para separá-los, mas, a meu ver, foi o lado emocional que impediu a reunião das suas obras. Vejam, no meu site, minha palestra *Freud e Jung, o que a Emoção não Permitiu Reunir*. (www.carlosbyington.com.br)

A Psicanálise descreveu a formação do Ego pelas relações primárias (o Complexo de Édipo) e a Psicologia Analítica concebeu o processo de individuação na segunda metade da vida. Jung não sabia que o Ego é formado pelos arquétipos e, por isso, alegava que Freud havia descrito o inconsciente pessoal e ele, a partir dos arquétipos, o inconsciente coletivo. No entanto, nas décadas de 1940 e 1950, Michael Fordham, em Londres, Jolande Jacobi em Zurique e Erich Neumann em Tel-Aviv descobriram que **o Ego é formado pelos arquétipos desde o início da vida**. Assim sendo, caiu a barreira entre o pessoal e o arquetípico, mostrando que tudo, o pessoal e o coletivo são arquetípicos.

Querendo reunir as obras de Freud e de Jung, ou seja, a formação do Ego e o processo de individuação, **busquei um conceito que reunisse o Ego e o Arquétipo Central. Fui encontrá-lo no símbolo** e, por isso, chamei minha obra de Psicologia Simbólica. Denominei-a Junguiana porque ela inclui o processo de individuação que Jung descreveu e viveu.

Símbolo vem do grego *symbolon*, “sin” quer dizer junto e “ballein”, que dá origem à palavra *ballet*, significa lançar. **Symballein significa lançar junto**, que, no nosso caso, representa a relação permanente do Ego com o Arquétipo Central do subjetivo e do objetivo e do consciente com o inconsciente. É isso que faz a *Yoga*, que significa união.

O Ego se relaciona com o Arquétipo Central por intermédio do símbolo, pelo processo de elaboração simbólica.

Dentro desta teoria, tudo na Psique é símbolo. Seus óculos, seu sapato, seu pai, sua mãe, sua casa, seu corpo, seus amigos, sua profissão, suas emoções, sua família, seu país, o céu e a terra, a vida e a morte. Absolutamente tudo! **Os cem bilhões de neurônios se relacionam pelos significados simbólicos das coisas.**

Todas as coisas são entidades e todas as entidades são símbolos. **Os símbolos não funcionam sozinhos, pois são as funções que lhes dão significados.** Os pés são símbolos, mas é o caminhar que lhes dá seu significado. Os pulmões dão símbolos, mas é a respiração que lhes dá o seu significado.

A relação das funções com os símbolos forma o processo de elaboração simbólica. Ele é coordenado pelos arquétipos que operam à volta do Arquétipo Central e produzem significados para dar conhecimento e inteligência ao Ego. **Isso os torna símbolos e funções estruturantes da Consciência.**

Os símbolos e funções estruturantes reúnem o Ego e o Arquétipo Central e todas as polaridades do Self como morte-vida, razão-emoção, mente-corpo, saúde-doença, homem-mulher, criança-adulto, aluno-professor e tudo mais.

O sistema nervoso é simbólico. Os neurônios participam da elaboração simbólica e quando os significados formam o Ego, os neurônios enviam esses significados para o hipocampo que registra a memória. O sistema nervoso se “interessa” pelos significados que mais afetam o Ser. Quando o conhecimento é unilateral, como, por exemplo, a matéria do vestibular que é aprendida sem elaboração emocional, somente para fazer uma prova, o hipocampo registra esse conhecimento superficialmente e logo o esquece, porque não o considera importante para a vida. Quando a elaboração simbólica é feita dentro da vivência e os seus significados mostram sua importância na vida, o hipocampo os registra com significado VIP e elas não são mais esquecidas.

Por isso, a **Pedagogia Simbólica Junguiana** é exercida privilegiando as vivências simbólicas que motivam os alunos e os levam a perceber a importância do que aprendem. Para isso, o professor precisa ensinar dentro da **empatia** (“em” = interno e “patia” = *pathos* que quer dizer emoção, paixão, sofrimento e fascinação). **A empatia professor-aluno ou terapeuta-paciente ocorre dentro da transferência.**

Freud enfatizou a transferência patológica que é a projeção da patologia do paciente no terapeuta, enquanto que **Jung enfatizou a transferência normal** que

favorece a relação pedagógica ou terapêutica dentro do consciente normal no processo de individuação. Vejam no meu site o artigo sobre o *Quatérnio Transferencial*, que descreve a relação dessas duas transferências na educação e na terapia.

Até aqui o desenvolvimento psicológico, em função da relação dos cem bilhões de neurônios está muito complexo, mas harmônico. No entanto, a vida, como sabemos, é tudo, menos harmonia. Heráclito de Éfeso, por exemplo (535 A.C. a 475 A.C.) ensinava que “a vida é conflito”.

Junto com a teoria de desenvolvimento das fases oral, anal, fálica e genital da libido, **Freud descobriu a fixação. Devido ao sofrimento**, muitas vezes, o Ego e o Self não aguentam continuar a elaboração simbólica e o processo de elaboração de determinados símbolos e funções estruturantes estaciona. **O símbolo fixado vai para a Sombra e as funções estruturantes fixadas se tornam defesas.** O Arquétipo Central continua lançando mão dos símbolos e funções fixados, pois eles fazem parte da Psique, mas eles agora são expressos na Sombra, de maneira deformada como **defesas que formarão os quadros psicopatológicos** e as disfunções do Ser, que considero um sinônimo do mal.

O problema do Bem e do Mal, dentro da dimensão Ética, sempre foi e continua sendo difícil de ser compreendido e explicado. Podemos dizer que ele é o maior problema do funcionamento psicológico, por isso, sua formulação é tão difícil. Trata-se de explicar como é que cem bilhões de neurônios, que trabalham em conjunto para construir a conduta inteligente, podem atuar destrutivamente contra a vida individual e cultural. O problema se torna ainda mais difícil e paradoxal, quando percebemos que, junto com as maravilhas criadas pela inteligência, que ultrapassa a criatividade de todas as demais espécies, está o mal em nós que é a maior destrutividade e crueldade que a vida praticou na terra, desde o início da criação. **Freud criou o conceito de instinto de morte para explicar a destrutividade.** Contudo, ele não me parece plausível, pelo fato de não ter relação dinâmica com a vida. Para que existisse um instinto de morte para destruir a vida, teríamos que admitir uma esquizofrenia biológica, que não existe em qualquer organismo vivo.

Para explicarmos psicodinamicamente a destrutividade humana, de maneira coerente, sem a criação artificial e inverossímil de um instinto de morte, precisamos conceber algo que faça parte do funcionamento normal da vida.

A Psicologia Simbólica Junguiana aborda o Bem e o Mal com dois argumentos que se entrelaçam e se tornam um só. O primeiro é que nossa inteligência tão genial para a prática do Bem, exatamente devido à sua grandiosidade também é genial para a prática do Mal. Esse é o grande paradoxo da ética humana. **O segundo argumento, que ratifica o primeiro, e ao mesmo tempo resolve logicamente esse paradoxo é que é a fixação do Bem que forma o Mal. O maior dos poetas disse que “nada é bom ou mau, pois é o pensamento que os faz” (*Nothing is either good or bad, but thinking makes it so.* Shakespeare, Hamlet).**

Os símbolos e as funções estruturantes normais e patológicos são os mesmos. O que os faz tão terrivelmente antagônicos é a dor que paralisa e deforma o **processo de individuação e cria as fixações, as defesas e a Sombra.** Dentro desta perspectiva, a Sombra é o crime no Direito, é o pecado na teologia, é o sintoma na Medicina, na Psicologia e na Psiquiatria, é o aprendizado das deformações humanas, inclusive a reação aversiva ao saber na Pedagogia, é a exploração de um ser humano por outro na socioeconomia (a mais valia de Marx), é a destruição do meio ambiente na Ecologia, e é o Mal na Filosofia.

Desta maneira, nosso curso incluirá o estudo de muitos símbolos e funções estruturantes, na Pedagogia, no desenvolvimento normal e na patologia, sempre percebendo sua elaboração dentro também da função ética, ou seja, entre o Bem e o Mal. Assim sendo, o Ministério da Saúde e o Ministério de Educação são irmãos gêmeos. As profissões médicas cuidam das doenças, mas são os educadores que percebem o início da doença e podem contribuir para sua profilaxia.

A fixação da elaboração simbólica como marco divisório entre o desenvolvimento normal e patológico **torna a vida um drama que é marcado pelo sofrimento que transcorre entre o Bem e o Mal.** Somente tendo isso em mente podemos participar permanente e eticamente dos processos de humanização e de individuação.

Até quinta-feira,
Byington